

Artigos

“Quem matou Diego?”: projeções escalares em paisagens semióticas onlineOffline

“Who killed Diego?”: scalar projections in onlineOffline semiotic landscapes

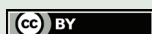
Luiz Paulo Moita-Lopes¹

RESUMO

Este artigo estuda projeções escalares em paisagens semióticas onlineOffline, nas quais estão localizados e performatizados sentidos sobre o assassinato de um estudante gay e negro, Diego Machado, em um campus universitário. Especialmente, historiciza ‘o espírito de nossa época socialmente fascista’ que acentua discursos sobre quais corpos podem viver e quais devem morrer. Tal historicização opera como um pano de fundo em que exercícios escalares semióticos, marcados indexicalmente, se tornam possíveis. Ao concluir, o artigo argumenta em favor da necessidade de teorizar a esperança como emoção, viabilizando resistência perene, em resposta a nossa responsabilidade ética.

Palavras-chave: *escalas; paisagens semióticas; indexicalidade; gay; raça; esperança.*

1. Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro – Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3829-9824>. E-mail: moitalopes1@gmail.com .



This content is licensed under a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use and distribution, provided the original author and source are credited.

ABSTRACT

This article investigates scalar projections in online/offline semiotic landscapes, in which meanings about the murder of a gay and black student, Diego Machado, on a university campus are located and performed. Especially, it historicizes 'the spirit of our socially fascist times' that accentuates the discourses about which bodies are allowed to live and which must die. Such historicization operates as a backdrop against which particular scalar semiotic exercises, indexically marked, are made possible. In concluding, the article argues for the need of theorizing hope as emotion, enabling perennial resistance, in response to our ethical responsibility.

Keywords: *scales; semiotic landscapes; indexicality; gay; race; hope.*

A crítica à violência deve começar pela pergunta sobre a representatividade da vida como tal: o que permite que uma vida se torne visível em sua precariedade e em sua necessidade de abrigo e o que nos impede de ver certas vidas dessa maneira? (Butler, 2010 [2009], p. 80)²

1. Exercícios semióticos escalares: uma operação ideológica

Agir nas práticas sociais está intrinsecamente relacionado a compreender o que está a nossa volta ou aquilo para o que nossa atenção se dirige e sobre o que mobilizamos significados. Um tal processo é portanto balizado pela semiotização do mundo, dos outros e de nós mesmos³.

Sentidos são então performatizados como efeitos desse agir/fazer (Austin, 1962; Derrida, 1988 [1972]). Tais efeitos engendram escalas semióticas, perspectivas sobre o que nos rodeia e sobre nossas próprias vidas. Em outras palavras, nada existe antes do intenso trabalho semiótico escalar ao qual nos dedicamos na construção de sentidos: “a

2. Todas as traduções citadas no artigo são de minha autoria a não ser quando especificamente mencionado nas referências, como neste caso.

3. Uma pequena parte dos dados incluídos neste artigo constaram da minha conferência de abertura do Congresso da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA 2017), realizado no Rio de Janeiro. Sou grato ao CNPq pela bolsa de produtividade em pesquisa (302935/2017-7).

existência social é radicalmente escalável” (Carr & Lempert, 2016, p. 19). Não há portanto uma ‘realidade’ ou ‘uma ontologia’, prefigurada antes da produção semiótica escalar (ver Latour, 2005; Pinto, 2018; Holland & Pedersen, 2017; Fabrício, 2021). Tudo o que existe está ancorado na performatização de sentidos. Isso significa que escalas são forjadas ou fabricadas. Elas não são dadas: interlocutores e pesquisadores operam semioticamente na construção escalar dos sentidos⁴.

O construto de escala, no campo de estudos da linguagem, deriva do trabalho de investigadores da antropologia linguística. Esses têm chamado atenção tanto para as dimensões de escalas de tempo e espaço que criam situacionalidade espaço-temporal (Blommaert 2010), quanto para como escalas constroem relações, colocando o mundo em perspectiva (Carr & Lempert 2016), quanto para como o processo de projetar escalas na vida social é baseado no estabelecimento de diferenças e comparações – com base em “um eixo de diferenciação” -, que criam compatibilidades ou não, focos de atenção, de interesse e de poder de natureza ideológica (Gal & Irvine, 2019; Irvine, 2021).

Um tal trabalho semiótico se apoia no uso de signos de vários tipos (linguísticos, imagéticos, reificados, gestuais etc.) ou “formas semióticas” (Gal & Irvine, 2019, p. 21), constituindo conjuntos, amálgamas ou *assemblages* (Latour, 2005) de signos que indexam / apontam para significados⁵. Assim, o signo tem uma natureza indexical (Peirce, 1955) de que lançamos mão para evocar discursos ou para estabelecer um elo indexical de contiguidade ou co-ocorrência entre signos e significados. Esse fenômeno é o que tem sido chamado de indexicalidade (Silverstein, 2009; Blommaert, 2010), que opera na contextualização dos sentidos nos encontros semiótico-interacionais e, portanto, nos exercícios escalares por meio dos quais projetamos sentidos sobre o mundo social. Assim procedendo, estabelecemos classificações, comparações, qualificações, distâncias, semelhanças etc.

4. Esse posicionamento não implica que escalas não possam ser institucionalizadas, construindo o que Carr e Lempert (2016, p. 16) denominam de uma “lógica escalar”. Cabe ao analista redimensionar o trabalho escalar semiótico, chamando atenção para tais sentidos institucionalizados.

5. O conceito de *assemblage* é agora constitutivo do estudo de paisagem sociolinguística (Wu & Karlander, 2021).

Mobilizo a dimensão escalar já de início porque ela emoldura a pesquisa relatada neste artigo assim como a própria produção de sentidos na construção de conhecimento que persigo neste trabalho. Tanto o que construo como meu interesse de pesquisa quanto o modo por meio do qual vou levar a efeito a investigação são projeções escalares interessadas de significados que semiotizam ou dão sentido ao que pesquiso e o modo como o faço. A história que segue começa a performatizar por meio de um exercício escalar o ‘objeto’ construído neste estudo. Observe que minha narrativa é engendrada com base em uma projeção escalar, marcada indexicalmente, que dimensiona temporal (“2 de julho de 2016”) e espacialmente (“a imensa comunidade”, “a maior universidade”, “no campus”) assim como predica como tal comunidade foi afetada (“abalada”) frente ao evento relatado (“aluno encontrado morto”). A narrativa prossegue por meio de uma lente sensível a escalas (Carr & Lempert 2016), que vai construir semioticamente o que será estudado (o assassinato de um aluno), de modo interessado ou motivado ideologicamente.

No dia 2 de julho de 2016, a imensa comunidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a maior universidade federal do Brasil, foi abalada pela notícia de que um aluno da Faculdade de Letras, Diego Vieira Machado, em processo de transferência para a Escola de Belas Artes, havia sido encontrado morto no nosso campus. Como professor desta universidade há 45 anos, foi com muita dor que recebi a informação sobre o seu assassinato. Esse é um acontecimento que até hoje me mobiliza emocional e epistemologicamente. Dois tipos de provocações que não se separam, no meu entender, na produção do conhecimento (Moita-Lopes, 2012; Moita Lopes, 2016 [2006]; Moita-Lopes & Fabrício, 2019), como entendo também ser essa uma preocupação de Cavalcanti (2016[2006]). Como é possível que um aluno tenha sido exterminado no campus de sua universidade? E como é possível construir conhecimento na área de estudos da linguagem sobre tal evento? Este artigo se dedica a responder a tais perguntas se apoiando no estudo da dimensão escalar da linguagem e em como essa é usada na performatização de sentidos em paisagens semióticas cibernéticas e físicas.

Diego Machado era um aluno que se construía como negro e abertamente homossexual e havia sido aprovado no vestibular da

Universidade. Natural do Pará, tinha prestado o vestibular e então se deslocado para o Rio de Janeiro com o fito de ser aluno da Faculdade de Letras da UFRJ. Era um poeta e membro do Mural de Poesia da Faculdade⁶. Morava no alojamento da Universidade, onde habitaram também muitos excelentes ex-alunos e ex-orientandos meus. Residia portanto no campus da Ilha do Fundão, no qual estão também localizadas as Faculdades de Letras e Belas Artes, entre outras, assim como a Reitoria da Universidade. Diego passava grande parte de seu tempo no campus, como fazem muitos alunos universitários ao redor do mundo.

A morte de Diego coincide com o período do impeachment⁷ da Presidenta Dilma Rousseff em 2016 assim como com o fim de governos mais progressistas, da chamada Nova República, notadamente os de centro-esquerda. Em tais governos, foram criados Ministérios ou Secretarias que se ocupavam das populações LGBTI+⁸, negras, quilombolas e indígenas, e procuravam cuidar das garantias e direitos sociais dessas populações, também com programas de ajuda financeira para grupos que enfrentavam dificuldades. Essa era uma tentativa fundamental de agir no combate à longa história de uma opressão moderno-colonial insistente (Mbembe 2014) no Brasil e em outras partes do mundo, que abrange questões de raça, gênero, sexualidade, classe social etc., interseccionalmente, na definição de vidas legítimas (Moita-Lopes 2020; 2021a).

A possibilidade de Diego se deslocar para ser aluno de uma importante universidade do sudeste brasileiro está também relacionada às políticas públicas implementadas por esses governos que, ao passo que ofereciam exames nacionais em qualquer parte do país, criaram uma política de cotas para estudantes negros, negras, quilombolas e indígenas assim como programas de ajuda estudantil. Essas políticas foram fundamentais na democratização do acesso à educação. Apelo

6. <https://www.facebook.com/groups/439227672819540/user/1550056188/>.

7. O processo do impeachment de Dilma Rousseff transcorreu de 2 de dezembro de 2015 a 31 de agosto de 2016, tendo o seu vice (Michel Temer) assumido interinamente o governo a partir de maio de 2016.

8. Essa sigla se refere a populações que desafiam os binarismos tradicionais (heterossexual e homossexual) que a diversidade do desejo sexual em devir vem questionar: lésbica, gay, bissexual, trans, intersexual e outros. Entendo que essas denominações fazem sentido do ponto de vista da ação política, mas questiono qualquer valor ontológico para as mesmas. Entendo-as como performatividades escalares (ver Moita-Lopes 2020; 2021a).

a esses aspectos de natureza macro-sociopolítica - grafado por Gee (1999) como Discursos (ideologias, visões de mundo, regimes de valor etc.) - porque entendo que esses não se separam da vida micro-sociopolítica, estruturada localmente, na interação semiótica (discurso). É justamente como efeitos das relações inseparáveis entre Discurso e discurso (*assemblages* / combinações de signos de várias naturezas na vida socio-interacional) que os significados são performatizados e dimensionados escalarmente, como já argumentei. E são tais Discursos em fricção com os discursos envolta do que se passou que permitem uma compreensão possível dos eventos sobre o crime.

As artimanhas políticas que levaram ao impedimento da ex-presidenta do Brasil começaram a trazer à tona um pensamento de direita, levado à frente pelo governo de seu vice⁹, a partir de maio de 2016, que a substituiu, culminando então em 2018 na eleição de um governo de extrema direita (Moita-Lopes, 2021b). O assassinato de Diego ocorre exatamente nesse momento de mudança sociopolítica quando começam a ser fomentados discursos socialmente fascistas, os quais vicejam quando a democracia se fragiliza (Santos, 2016). Tais discursos, racistas e homofóbicos, coincidem com o começo da circulação mais intensa de políticas de extrema direita internacionalmente: tanto no Brasil como nos Estados Unidos, Polônia, Hungria, Índia etc. (Moita-Lopes & Pinto, 2020). Além do assassinato de Diego, são exemplos desse 'espírito da época' dois outros fatos infelizes, entre muitos outros. Em setembro de 2017, a exposição QueerMuseu, Cartografias da Diferença na Arte Brasileira,¹⁰ foi fechada em Porto Alegre e em novembro do mesmo ano a reconhecida filósofa estadunidense, Judith Butler, foi perseguida em São Paulo, por manifestantes que queimaram uma boneca de pano com uma foto de seu rosto. As liberdades individuais portanto são ameaçadas em pleno governo do substituto de Dilma Rousseff. Além disso, a plataforma política do presidente eleito em 2018 se pautava por discursos racistas, homofóbicos, anti-feministas e a favor da tortura,

9. Os ministérios e secretarias que miravam as populações anteriormente mencionadas começam a ser cortados já pelas políticas do vice que assumiu o governo interinamente e essas são totalmente destruídas pelo governo de extrema direita que seguiu.

10. A exposição QueerMuseu foi finalmente realizada, em agosto de 2018 (três meses antes da eleição de Bolsonaro), na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, com o apoio de crowdfunding, com o qual colaborei. A exposição no Rio configurou então um ato de resistência (Fidelis, 2018).

"Quem matou Diego?": projeções escalares em paisagens semióticas onlineOffline

afirmando e consolidando o que chamei de 'espírito da época'. Voltarei a esse ponto na análise.

O momento da morte de Diego pode ser compreendido como o início da exacerbação de políticas do 'nós' e 'eles', como Stanley (2018) aponta em seu livro intitulado *Como funciona o fascismo. A política do "Nós" e "Eles"*. Pode ser também caracterizado como o prenúncio do enfraquecimento da jovem democracia brasileira. Para lembrar Brecht (1941), pode-se aquilatar que a cadela do fascismo tinha estado sempre no cio, mesmo nos momentos identificados com a ferrenha luta dos movimentos sociais e suas conquistas no fim do século XX e no início do XXI e com a existência de políticas mais progressistas no Brasil, como já relatado. A cadela, por assim dizer, esperava uma brecha para atacar. Não surpreende que, em março de 2021, já em meio a contínuas agressões socialmente fascistas, um assessor do governo Bolsonaro, sentado atrás de uma autoridade da República, o presidente do Senado, tenha a indignidade de fazer um sinal com os dedos que indexa sentidos sobre o poder da supremacia branca, em um país eivado de racismo antinegro.

Ao recuperar as paisagens semióticas e os signos amalgamados nelas, que evocam discursos que performatizaram / performatizam os sentidos e as projeções escalares que evocam o assassinato de Diego, historicizo e dimensiono os discursos que configuraram tal ato assim como aqueles que expressaram e expressam resistência ao mesmo. Inicialmente, vou discutir os construtos de paisagem semiótica cibernética e física ao passo que mergulho, a seguir, na análise de tais paisagens semióticas. Nesse sentido, entendo que nas práticas discursivas os participantes estudados e o analista estão envolvidos em processos de projeções escalares na construção de sentidos:

Tanto os pesquisadores como os participantes, em resumo todos os atores sociais, devem procurar interpretar formas semióticas e encontrar os ingredientes e passos que permitirão que eles interpretem e ajam. A pesquisa (...) tem como alvo o trabalho ideológico dos atores sociais; contudo, a pesquisa é em si mesmo um tipo similar de prática (Gal & Irvine 2019, p. 21).

Ao concluir, argumento em favor da necessidade da produção de escalas que semiotizam a esperança como afeto, que precisa ser fomentado, para criar resistência para viver em meio ao mal absoluto, que nos cerca.

2. Paisagem semiótica

A investigação sobre paisagem semiótica tem início nos anos 1990 e era referida então somente como paisagem linguística. O primeiro livro no qual esse conceito aparece é de 1997 (Landry & Bourhis, 1997), e enfoca a paisagem linguística como um espaço territorial no qual línguas se misturavam na vida pública (placas de sinalização, propaganda, painéis publicitários, nomes de prédios etc.), construindo então uma paisagem linguística. De fato, nos anos 2000 ouvi Elana Shohamy falar de um tal conceito, pela primeira vez, em um congresso internacional, justamente para analisar a complexidade da mistura de inglês, árabe e hebreu na constituição da paisagem linguística de uma cidade israelense (Shohamy, 2006). No entanto, Shohamy & Waksman (2009) chamam atenção para como tal construto foi rapidamente ampliado para incluir pessoas, textos, imagens etc. E, claro, o trabalho de Scollon & Scollon (2003), com sua preocupação com a situacionalidade dos signos na vida urbana, incluindo graffiti, foi crucial para o desenvolvimento deste campo de estudos. Introduzem o conceito de geosemiótica: o estudo de “como a linguagem é situada no mundo material” (p. X) e do qual trataram no evento da pesquisa sociocultural no ano 2000, no Brasil.

Já em 2010, Jaworski & Turnlow (2010), seguindo o trabalho dos Scollons, usam o termo paisagem semiótica, que utilizo neste artigo, para explicitar como várias modalidades discursivas distribuídas no espaço, do discurso escrito a imagens e comunicação não-verbal, interagem com os edifícios como recursos semióticos. O espaço passa a ser visto como um lugar construído semioticamente, com valores e ideologias específicos, recrutando e performatizando vidas sociais, identidades, contestação, resistência etc.

É impressionante como um campo que começou a se construir pelo entendimento de paisagem linguística como o cruzamento de línguas diferentes no espaço público se desenvolveu e passa a considerar como o olhar do analista (e/ou de outros participantes) cria paisagens semióticas, ao vislumbrar os vários discursos e ideologias, que podem ser entextualizados na compreensão-construção de tal paisagem sociolinguística, ao colocarem os “discursos no espaço” (Scollon & Scollon, 2003).

“Quem matou Diego?”: projeções escalares em paisagens semióticas onlineOffline

Mais recentemente, o espaço cibernético tem sido também incluído como um espaço público no qual paisagens ciber-semióticas são construídas. O estudo de Wee (2015) é um exemplo de operação de uma ideologia linguística na construção de uma tal paisagem em relação à eliminação do uso da palavra ‘retardado’ por meio de uma campanha (R-word.org.) e à mobilização de afeto em uma comunidade olímpica. O estudo chama atenção para como certas entextualizações têm mais autoridade do que outras no ciberespaço, um lugar de grande atenção na vida pública em nossos dias.

É essa a razão pela qual o estudo relatado neste artigo focaliza paisagens semióticas públicas onlineOffline. Entendo que no momento em que vivemos, quando fica cada vez mais difícil separar a vida online da vida offline (Moita-Lopes, 2020; Moita-Lopes e Pinto, 2020), parece necessário encaminhar investigações que operem justamente nos dois espaços. Veja, por exemplo, os estudos etnográficos multissituados de Guimarães (2014) e Camargo (2019). Vivemos cada vez mais nossas vidas, como participantes de paisagens semióticas onlineOffline, como se continuamente saíssemos de uma paisagem e caminhássemos para outra e vice-versa. Como um personagem de Woody Allen que sai da tela do cinema e passa a agir no chamado mundo real, declarando seu amor a uma moça da plateia¹¹, saímos e entramos em espaços¹² de semiotização de nossas vidas, que não as mais separam em vidas online e offline. O ‘mundo real’ é onlineOffline. No caso específico estudado neste artigo, as paisagens semióticas no ciber-espaço dialogam com as paisagens do chamado mundo físico na construção escalar performativa de significados sobre o extermínio de Diego no campus da UFRJ. O sentido que essa separação entre online e offline evoca será explorado analiticamente.

3. Paisagens semióticas online: o assassinato de Diego

Embora o campus da Ilha do Fundão, na qual a Cidade Universitária está localizada, seja deserto à noite e a mídia tenha divulgado

11. O filme é *A Rosa Púrpura do Cairo*, de 1985.

12. Como aponta Blommaert (2013, p. 2), o espaço é o ponto central no estudo de paisagens semióticas, constituindo “uma extensão importante do escopo tradicional da abordagem sociolinguística”.

muitos casos de assaltos nessa área, o assassinato de um aluno foi um evento singular. O campus é muito grande e à noite só os prédios são guardados por empresas de policiamento terceirizadas. O ônibus universitário para de circular depois dos cursos do turno da noite. Durante o dia, as ruas do campus são usadas tanto pelos alunos e alunas da universidade como por qualquer motorista que deseja atingir ou sair do continente, normalmente vindo ou indo para uma outra ilha (a do Governador). No horário de *rush*, o trânsito pode ser intenso. Ônibus de linhas particulares também circulam pelo campus. Essa descrição projeta uma escala espacial para o lugar onde o crime foi cometido. Ordeno as paisagens semióticas seguindo o que Mishler (2002) identifica como tempo narrativo, ou seja, como entendo que a história deve ser contada a partir do momento que vivemos hoje, o que é em si uma projeção escalar.

Paisagem semiótica online 1

A primeira notícia sobre a morte de Diego no G1 aparece no dia seguinte ao que o corpo foi encontrado (3/7/2016) às 15: 17, relatando o acontecimento e as informações já reportadas acima. Contém uma foto de tamanho médio de Diego, com o semblante calmo apontando a mão na direção do fotógrafo¹³, como se o chamasse em sua direção, e olhando diretamente para a câmera. A foto, copiada do Instagram, recebe a seguinte legenda: “Diego foi encontrado morto em um matagal perto do alojamento dos estudantes (Foto: Reprodução/ Instagram)”. Diego veste camisa e calças brancas com um cachecol de cor vinho em volta do pescoço. Mas é na atualização do dia seguinte, que se apresenta uma primeira razão para o crime.

Excerto 1

03/07/2016 15h17 - Atualizado em 04/07/2016

*Aluno da UFRJ é encontrado morto dentro do campus do Fundão, Rio
Crime de ódio teria causado morte do estudante, segundo amiga.
'Ele já havia sofrido ameaças', disse.
Cristina Boeckel Do G1 Rio*

13. Optei por não incluir as fotos de Diego no artigo embora sejam fotos publicizadas por ele mesmo nas redes sociais e vá descrevê-las para enfatizar seu papel na projeção escalar semiótica.

"Quem matou Diego?": projeções escalares em paisagens semióticas onlineOffline

(...)¹⁴

Ângela Gomes¹⁵, amiga de Diego e aluna da UFRJ, acredita em crime de ódio: "Ele era o meu melhor amigo. A gente se conhecia há menos de um ano, mas nos falávamos toda hora, durante todo o dia. Nós estávamos sempre juntos. Acho que possa ter sido um crime de ódio, homofobia e racismo. Ele era negro e tinha uma sexualidade ampla, se relacionava com homens".

Segundo a amiga de Diego, ele era alto e forte e foi encontrado com marcas de luta e sem as calças. "Ele sabia se defender e não acredito que tenha sido um crime de uma pessoa só. Ele lutou judô pela UFRJ e treinava kung fu. Ele já havia sofrido ameaças, dentro e fora do alojamento. Já foi zoado por ser nortista. Chamavam ele de Paraíba", contou Ângela.

(...)

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/07/aluno-da-ufrj-e-encontrado-morto-dentro-do-campus-do-fundao-rio.html>.

O discurso de uma amiga de Diego, Ângela, é recontextualizado¹⁶ na paisagem semiótica cibernética. Provavelmente, o texto foi desentextualizado de uma entrevista feita por algum repórter do jornal enviado ao campus e, como um artefato textual, viajou (Fabrício, 2018; Moita-Lopes e Fabrício, 2018) para o texto editado por Cristina Boeckel do G1. É desse modo que os signos passam por um processo de recontextualização/recontextualização na performatização dos significados sobre Diego. Ângela indexa o acontecido mobilizando discursos sobre "crime de ódio" ao passo que também, em contraste, aponta para significados que semiotizam Diego por meio de lentes escalares que identificam a intensa relação de amizade que os unia ("Ele era o meu melhor amigo. A gente se conhecia há menos de um ano, mas nos falávamos toda hora, durante todo o dia. Nós estávamos sempre juntos.").

A citação das falas de Ângela provê verossimilhança ao que é narrado e coopera para ressaltar as duas escalas em jogo: ódio e amizade. Esse modo de mobilização escalar tem sido classificado por Gal e Irvine (2019, p. 220) como uma perspectivização mais complexa, que chamam de recursividade fractal. Essa envolve "mudanças de pontos

14. Esse símbolo de transcrição indica edição textual.

15. Embora essas paisagens semióticas sejam públicas, troquei os nomes de todas as pessoas que as habitam, para preservar suas identidades.

16. Sobre a mobilidade contínua de textos (entextualização-desentextualização-recontextualização) que constitui os usos da linguagem, veja Bauman e Briggs (1990) assim como Fabrício (2018) e Moita-Lopes (2021a e b).

de vista governando a própria identificação de unidades em contraste” (p. 220)¹⁷. A amiga indexa o crime ao apontar para discursos sobre homofobia e racismo ao passo que também ressalta performatividades escalares de raça e de sexualidade (Moita-Lopes, 2020) para predicar o corpo de Diego (“Ele era negro e tinha uma sexualidade ampla, se relacionava com homens”).

Logo a seguir, Ângela é reportada como continuando a projetar escalas sobre o corpo de Diego: “era um homem alto e forte” e seu corpo “teria marcas de luta” e estava “sem as calças”. Essa última caracterização escalar mobiliza sentidos sobre um possível ataque sexual, tortura ou humilhação sexual, que Diego teria sofrido. A questão intrínseca a que essa projeção escalar convida diz respeito ao motivo de a sexualidade dos outros perturbar tanto algumas pessoas e por que é usada como motivação para tortura e rebaixamento de outros corpos. Por que tiraram as calças de Diego? As afrontas e coerções de natureza sexual que os corpos de homens de religião islâmica sofreram na prisão estadunidense de Guantánamo, relatadas por Butler (2010 [2009]), parecem aventar a mesma pergunta: por que fazer alguém sofrer pelo modo como expressa desejo sexual, no caso de Diego, ou pela maneira como procura resguardar seu corpo no caso das populações de culturas islâmicas, humilhadas sexualmente em Guantánamo? Nos dois casos, atos de estupro homossexual perpetrados pelos torturadores indexam ansiedade sexual ou aquilo que, na verdade, desejam. A chamada posição ativa ou de penetração no ato sexual não os torna “menos homossexuais”, “convertendo o prazer em uma forma cruamente sádica” (Butler, 2010 [2009], p.130).

Na sequência, as falas de Ângela entre aspas continuam a emprestar modalidade epistêmica à matéria. Ela perspectiviza Diego como um homem que “sabia se defender”, “lutou judô pela UFRJ e treinava kung fu”. Tais fatos a levam a classificar o crime como não tendo sido cometido “por uma pessoa só”. Tal exercício escalar sobre Diego culmina na identificação das “ameaças, dentro e fora do alojamento” que Diego recebia. A amiga, em seguida, traz à tona também a performatividade escalar de regionalidade (Silva, 2012) que o corpo

17. Veja também as análises de recursividade fractal na performatização de escalas em Gonzalez e Moita-Lopes (2020).

“Quem matou Diego?”: projeções escalares em paisagens semióticas onlineOffline

de Diego recrutava. No Rio de Janeiro, chamar alguém de “Paraíba” é uma forma derogatória de se referir a uma pessoa que venha do norte ou nordeste brasileiro.

Ao mesmo tempo que Ângela parece querer identificar os possíveis criminosos ao denunciar as ameaças com as quais o amigo se defrontava, ela também nos faz ver o sofrimento de natureza fascista com o qual Diego tinha que lidar, em seu cotidiano, ao ser semiotizado como negro, homossexual e nortista. Tais performatividades escalares provocam a cadela do fascismo, por assim dizer, que então começava a tomar um lugar mais proeminente, como já apontado, ao fazer operar discursos sobre os corpos que não são considerados legítimos. Por que só certas formas de vida são reconhecidas como vivíveis (Butler, 2010 [2009])? Por que algumas vidas estão mais disponíveis aos caprichos de outros (Butler, 2006 [2004])?

Excerto 2

03/07/2016 - Atualizado em 04/07/2016

*‘Ele comprou uma briga’, afirma irmão de estudante morto na UFRJ
Carlos Machado conta que irmão pediu dinheiro para se mudar.
Denúncia em post em rede social falava sobre violência no campus.
Cristina Boeckel Do G1 Rio*

FOTO de DIEGO

Diego foi encontrado morto em um matagal perto do alojamento dos estudantes (Foto: Reprodução/ Instagram)

Carlos Machado, irmão do estudante morto no campus da UFRJ na Ilha do Fundão, na Zona Norte do Rio, não descarta que a morte do jovem tenha ocorrido por ódio por ele ser gay ou negro, mas lembrou de um post que Diego fez em uma rede social onde denunciava outro caso de violência na mesma região onde foi morto. Ele acredita que o irmão comprou uma briga séria que o colocou em uma posição difícil.

Uma outra atualização do G1, ainda no dia 4/7/2016, entextualiza na manchete as palavras de Carlos Machado, irmão de Diego. Carlos coloca em perspectiva uma possível razão para o assassinato: “Ele comprou uma briga”. Acrescenta que o irmão teria pedido dinheiro para se mudar do campus. Essa projeção escalar identifica Diego como alguém que estava precisando de ajuda e que reconhecia a necessidade de se

afastar dali. A manchete também anuncia que havia uma denúncia na rede social de Diego sobre violência no campus. Essa caracterização de Diego traz à tona uma preocupação diferenciada que dirigentes universitários devem ter em relação ao acolhimento de alunos mais vulneráveis. Como Butler (2010 [2009], p. 30) indica,

Afirmar, por exemplo, que uma vida pode sofrer algum dano ou que se pode perder, ser destruída ou ser sistematicamente maltratada até o ponto da morte é reafirmar não somente a finitude de uma vida (que a morte é certa). Mas também a sua precariedade (que a vida exige que se cumpram várias condições sociais e econômicas para que se mantenha como tal). (Butler, 2010 [2009], p. 30).

Na foto de Diego após a manchete do G1, reproduzida do Instagram, se pode ver o jovem, usando bigode e cavanhaque, sentado no chão com um leve sorriso no rosto e trajando um paletó e calças pretos, sem camisa e com o cabelo grande, em uma atitude de despojamento, típica dos jovens da sua idade. Mais ainda, pode-se ver que a parte da frente da perna esquerda da calça até a altura do joelho está cortada em três tiras largas, como muitos jovens fazem com suas roupas contemporaneamente, mostrando partes do corpo. No pescoço carrega um cordão aparentemente de couro. Os pés de Diego seguram uma bola, o que reitera a semiotização já feita dele pela amiga como alguém que gostava de esportes. Ele mira, como na foto anterior, diretamente a câmera, indicando estar disposto a ser fotografado assim como sua segurança sobre quem é. A foto de Diego projeta uma caracterização de um jovem forte e alto, antenado com moda e com esportes. Como é uma foto postada por ele mesmo nas redes sociais, pode-se dizer que ela lhe agradava e, portanto, aponta como ele gostaria de ser visto. A foto recebeu 11 curtidas, o que é um indicativo de aprovação dos amigos em relação à foto e a Diego.

No texto que aparece após a legenda da foto, Carlos é entextualizado como tendo relatado que a morte do irmão se deu por crime de “ódio por ele ser gay e ou negro”. Ele avança mais ainda nesse movimento escalar de caracterização do que se passou ao lembrar de uma postagem de Diego sobre um “outro caso de violência na mesma região onde foi morto”. Esse evento o teria “coloc[ado] numa posição difícil”. Carlos menciona a postagem de Diego no Facebook, que é entextualizado

"Quem matou Diego?": projeções escalares em paisagens semióticas onlineOffline

na paisagem semiótica. Diego é construído como alguém que estava disposto a resistir politicamente.

Excerto 3¹⁸



Diego denunciou a violência no campus da UFRJ em abril (Foto: Reprodução/ Facebook)

Somos então expostos à denúncia que Diego havia postado nas redes sociais no dia 7 de abril, aproximadamente 3 meses antes do seu assassinato. A denúncia é uma provável descrição do que Diego, irônica e infelizmente, iria enfrentar no mesmo campus em suas próprias palavras, convidando a uma comparação, de nossa perspectiva escalar do tempo narrativo. Nada pode ser mais revelador de como nossas vidas sociais se passam cada vez mais em paisagens semióticas onlineOffline do que essa postagem online e seus efeitos performativos offline, se de fato a delação feita por Diego levou ao crime.

18. Embora haja um pequeno corte do lado esquerdo na imagem seguinte, ela aparece dessa forma na paisagem semiótica analisada. A imagem é legível do modo como está.

O texto de Diego se apoia em projeções escalares tempoEspaciais (“ontem” e “na rua”) assim como identifica quem (“os seguranças das obras do campo de rugby”) e como teriam agido (“violentaram e torturam um rapaz o deixando nu e humilhado”). Dimensiona escalarmente também a falta de acolhimento que o rapaz violentado teria sofrido da parte da segurança do campus, que não “registr[ou] a ocorrência, não levou o rapaz pra fazer averiguação, ou ao médico, e ainda usaram desculpas do tipo, mas o que você estava fazendo aí”. Essa estratégia escalar tem sido chamada de interescalar. Opera com base na listagem de escalas aparentemente diferentes de modo que uma enfatize a outra (Carr & Fisher, 2016, p. 134). Mobilizando uma escala de ironia, Diego qualifica como a segurança do campus “protege” os alunos, “chamando a pm para os alunos e acobertando seus comparsas estupradores”. A perspectivização irônica chega ao clímax quando Diego finaliza: “Espero que todas tenham um bom dia depois dessas notícias”. A qualificação de “estupradores” ecoa o motivo pelo qual talvez Diego tenha sido encontrado “sem as calças”, como de fato já argumentei anteriormente.

Os relatos no Brasil e em outras partes do mundo sobre o assassinato de pessoas negras, ‘desviantes’ da heteronormatividade e mulheres são incontáveis. Tais crimes são muitas vezes perpetrados pela polícia, mesmo aquela contratada por firmas e empresas¹⁹, assim como por grupos racistas e homofóbicos. Tais relatos têm aumentado no Brasil flagrantemente após 2016, um quadro que defini anteriormente como sendo inseparável dos tempos socialmente fascistas que passamos a viver após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Voltarei a essa questão ao concluir.

É notável que Diego, no lugar de sua foto que o identificaria como um usuário do Facebook, havia passado a utilizar uma mensagem de cunho ativista como se pode ver na postagem acima e ampliada abaixo.

19. O assassinato de João Alberto, um cliente negro do Carrefour em Porto Alegre, em 20 de novembro de 2020 é somente um exemplo (<https://www.youtube.com/watch?v=S-XmtD4Qpns>).

“Quem matou Diego?”: projeções escalares em paisagens semióticas onlineOffline

Imagem 1 – Postado por Diego no lugar de sua foto no Facebook



“Eu não tenho um amigo gay, eu tenho amigos, parentes, professores, alunos, colegas e ídolos gays. Nenhum precisa ser curado. Todos eles merecem respeito”.

Além de fazer uso das cores do arco-íris na mensagem para enfatizar as palavras gay e gays, indexando a cultura ativista LGBTI+ e projetando, de imediato, uma escala de resistência para quem mira sua página no Facebook, Diego usa vermelho para ressaltar e negar a possibilidade de que tenha somente um amigo gay assim como da chamada ‘cura’ gay. São estratégias escalares que, ao mobilizarem a materialidade das cores como signos, o posicionam politicamente em relação aos corpos gays ao passo que estabelecem comparações com outros corpos. A mesma projeção escalar de comparação é visível no modo como o signo ‘um’ é escrito com espaço vazio dentro das letras em oposição ao signo ‘todos’, na qual o espaço é preenchido, indexando o que Preciado (2003/2015, p. 25) chamou de “as multidões queer”: “uma diversidade de potências de vida”. Em oposição à ideia de que tenha somente “um amigo gay”, Diego mobiliza o que chamei anteriormente de projeções interescares ao listar que tem “amigos, parentes, professores, alunos, colegas e ídolos gays” ao passo que enfatiza como o desejo sexual não-heteronormativo não é característico da singularidade de somente alguns corpos.

Paisagem semiótica online 2: repercussões e resistência

Um mês após o crime, uma organização que se identifica como Rede de Informações Anarquistas publica o que chama de “alerta antifascista”.

Excerto 5

(alerta antifascista) diego vieira machado assassinado por fascistas na ufrj [JULY 3, 2016 REDE DE INFORMAÇÕES ANARQUISTAS 1 COMMENT](https://redeinfoa.noblogs.org/2016/07/alerta-antifascista-diego-vieira-machado-assassinado-por-fascistas-na-ufrj/), [Após descrever o assassinato de Diego e quem ele era, os autores prosseguem]. *Essas características lembram uma ameaça feita através de um site criado para que pessoas possam mandar mensagens anônimas de email, 5ymail.com. Essa ameaça chegou a algumas pessoas estudantes e moradoras do alojamento da UFRJ, disfarçada como se tivesse vindo do SIGA (sistema interno da universidade) tendo como título “Relação de Bolsistas” e iniciando com uma referência a uma suposta demanda de criação de email para bolsistas. Mas a mensagem contendo a ameaça indica um acompanhamento da rotina de algumas pessoas da universidade visadas por um grupo de ódio.*

<https://redeinfoa.noblogs.org/2016/07/alerta-antifascista-diego-vieira-machado-assassinado-por-fascistas-na-ufrj/>.

Os autores do alerta avaliam que o crime cometido contra Diego ressoa as ameaças em forma de e-mails, que estudantes e moradores do alojamento universitário teriam recebido. Identificam as ameaças como “disfarçadas” de e-mails oficiais uma vez que apareciam como tendo sido enviadas pelo Sistema Integrado da Universidade, com o título de Relações de Bolsistas. Ressaltam ainda que os e-mails indicavam suposto conhecimento das vidas dos estudantes por parte de grupos de ódio. Esses exercícios escalares em relação às mensagens antecipam os textos de duas mensagens, aludidos na paisagem semiótica antifascista. Ambas foram enviadas para os estudantes em maio de 2016, dois meses antes do crime. À continuação, segue somente a transcrição da segunda mensagem como aparece no espaço da paisagem por que essa especificamente se refere a um determinado aluno.

“Quem matou Diego?”: projeções escalares em paisagens semióticas onlineOffline

Excerto 6

Segue a íntegra do texto contendo a ameaça²⁰:

“Referente à criação do email para os bolsistas. Sabemos a vida que vocês levam de baladas, drogas e promiscuidade. Tomem cuidado, observamos tudo e vamos contar tudo! Vamos começar por um certo alun@ que se diz minoria e oprimido por ser homossexual que gosta de fumar maconha e outras cositas a mais (cocaína, chá de amanita) as vezes com o dinheiro da bolsa ou da família opressora, que briga com os familiares por ter opiniões divergentes da sua grande intelectualidade Marxista, que odeia Bolsonaro, que prega a liberdade e o amor mas apoia o aborto e a discriminação do uso da maconha para fins recreacionais. Que gosta de mandar e receber nudes de seus amiguinhos pederastas. Que apoia a Dilmãe! Amiguinh@! Seja men@as, né? Sabem de quem eu estou falando? Então, esse mesmo ser comete pequenos e médios furtos em um certo laboratório, denigre os coleguinhos de trabalho, é ofensivo com seus orientadores (a propósito, seria uma pena se eles descobrissem tudo), denigre a sua própria família e amigos, se acha afrodescendente e renega a sua educação cristã.... Juventude Revolucionária Liberal Brasileira.”

Esse e-mail coloca em perspectiva o anterior ao qual dá continuidade: “Referente à criação do email para os bolsistas”. Os autores que assinam o e-mail (“Juventude Revolucionária Liberal Brasileira.”) se identificam com uma postura revolucionária e liberal (economia neoliberal?) e se opõem aos alunos bolsistas cujas formas de viver dizem conhecer: “baladas, drogas e promiscuidade”. Especialmente, se referem a “um certo alun@” que se entende sob uma ótica de “minoria e oprimido por ser homossexual” e que faz uso de drogas: “fumar maconha e outras cositas a mais (cocaína, chá de amanita)”. O encadeamento de projeções semióticas interescares sobre “um certo alun@”, apontando para sentidos diferentes, para efeitos de ênfase, prossegue: compra drogas “as vezes com o dinheiro da bolsa ou da família opressora”. Essa família é compreendida como divergindo “de sua grande intelectualidade Marxista, que odeia Bolsonaro”. O “alun@” também é visto como defensor da liberdade, do amor, do aborto, do uso recreacional da maconha como alguém que “manda nudes para

20. A cópia dos dois e-mails consta da paisagem semiótica. Incluo somente a transcrição de um deles da forma como aparece.

os amiguinhos pederastas”. O “certo alun@” é portanto classificado como homossexual.

O que salta aos olhos nessa teia de semiotização interescalar é a identificação do “alun@” como anti-Bolsonaro já em 2016, em oposição à Dilma e a Lula. A alusão a Lula se dá pelo uso de uma forma linguística do português popular, supostamente identificadora do baixo nível de escolaridade de Lula (“*Seje men@as, né? Sabem de quem eu estou falando?*”). Além desse ‘pequeno detalhe’ da interação indexar discursos socialmente fascistas sobre a ideologia linguística moderno-colonial em operação (a ilegitimidade da fala da maioria dos brasileiros), projeta uma escala de inferioridade para Lula. Ao mesmo tempo, a oposição entre Bolsonaro versus Dilma e Lula justapõe o assassinato de Diego em relação aos discursos macro-socio-políticos que já se gestavam então, como afirmei anteriormente. Ninguém àquela época, em maio de 2016, pensaria que Bolsonaro, um deputado federal do chamado baixo clero da câmara, poderia se tornar candidato à presidência do Brasil ou vir a ser uma força em oposição a Lula. Parece ser nesse sentido que Blommaert (2013, p. 3) chama atenção para como os estudos de paisagens semióticas “nos obrigam a historicizar a análise sociolinguística”, “ao detectar e interpretar a mudança social e transformação em vários níveis escalares”. Como no caso em questão, “é possível se detectar os índices da mudança bem antes de eles serem visíveis estatisticamente ou em outros estudos de grande escala” (p. 3). Já havia, então, um projeto de tomada do poder em construção pela extrema direita quando se consideram os processos escalares de performatização de sentidos nesse e-mail ou ao se estudar o “discurso no espaço” cibernético (Scollon & Scollon, 2003).

A rede de projeções interescalares que vinha se tecendo tem ainda continuidade. O certo alun@ “*comete furtos*”, fala mal dos colegas e orientadores (*denigre os coleguinhas de trabalho; é ofensivo com seus orientadores*), se constrói como negro (*se acha afro-descendente*) e despreza o cristianismo (“*renega sua educação cristã*”). O trabalho semiótico que forja sentidos sobre “o certo alun@” é facilmente comparável aos mantras da extrema-direita internacional: homofobia, racismo, cristianismo fundamentalista e os chamados valores tradicionais (Nagle, 2017; Sedgwick, 2019; Moita-Lopes & Pinto, 2020). Esse trabalho ressoa também os ideais moderno-coloniais, já mencionados

“Quem matou Diego?”: projeções escalares em paisagens semióticas onlineOffline

e discutidos em Moita-Lopes (2020), notadamente em relação a como a projeção escalar colonial moldou corpos sexual e racialmente, entre outras semiotizações²¹.

Esse e-mail também pode ser compreendido como um exemplar dos letramentos de ódio, que têm sido continuamente identificados nas paisagens semióticas online da extrema direita no Brasil e em outras partes do mundo. Tais letramentos são constituídos por postagens apócrifas e anônimas (como no caso em tela), fazendo uso de trollagens, fake-news, trotes e memes (Moita-Lopes & Pinto, 2020), em “escritas performáticas” (Giorgi, 2019, p. 92), ou altamente estilizadas /planejadas. Ao passo que criam nuvens de fumaça que escondem o que está sendo politicamente feito pela extrema direita e sua visão capitalista neoliberal (Moita-Lopes & Pinto, 2020), essas práticas de letramentos geram ódio e pânico cujos efeitos performativos podem ser identificados no assassinato de Diego: um evento que pode ser classificado como adequado ao “espírito da época”.

Compõem essa paisagem semiótica online, relativas a repercussões imediatas ao assassinato, notas do Diretório Central de Estudantes Mário Prata da Universidade, da própria UFRJ, do Instituto Rio Sem Homofobia, do governo estadual, e da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual, da prefeitura do Rio²², que dimensionam o crime com expressão de pesar. A nota da UFRJ indicava ainda que a instituição “acompanhar[ia] de perto as investigações sobre o caso junto às autoridades policiais”.

Um ano após o assassinato se encontra no G1 uma paisagem semiótica intitulada “Um ano do brutal assassinato de um estudante no campus da UFRJ”²³, no qual consta, além de uma outra foto de Diego (só o rosto sendo que Diego está aparentemente deitado em um jardim), um texto escrito por uma professora da Universidade que lamenta o fato de os assassinos não terem sido ainda encontrados. Especialmen-

21. O trabalho de Lugones (2007) é especialmente relevante no que se refere a escalas coloniais de heterossexualidade, gênero e raça.

22. Tanto o Instituto Rio Sem Homofobia como a Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual deixaram de existir nos governos seguintes, refletindo o “espírito da época”: governos de direita homofóbicos, com forte apoio de comunidades fundamentalistas cristãs.

23. <http://g1.globo.com/pop-arte/blog/yvonne-maggie/post/um-ano-do-brutal-assassinato-de-um-estudante-no-campus-da-ufrj.html>.

te, a professora perspectiviza o crime como tendo sido naturalizado: “esqueceram-se de Diego em meio a tanta morte violenta e cruel nesta cidade”. Voltarei a essa questão ao concluir.

Paisagens semióticas offline: resistência

Algum tempo após o crime cometido contra Diego, o prédio da Faculdade de Letras foi grafitado por alunos, como forma de resistência. Trata-se de exemplos de discurso claramente inscrito no espaço e no lugar certos. Afinal, Diego era aluno da Faculdade - a sua casa -, tinha vindo do Pará por causa daquela instituição após aprovação no vestibular e morava no campus. Enfoco, primeiramente, um grafitti do rosto de Diego, feito por alunos no início de 2017 na parede frontal da Faculdade, à direita de quem adentra o prédio. Não há quem entre no prédio e não se depare com o rosto de Diego.

Imagem 2



Arquivo de fotografias do autor

Essa parte do prédio é formada por blocos que guardam a biblioteca da Faculdade e, de fora, são vistas as paredes externas, que na verdade parecem estelas à espera de inscrições. O rosto de Diego está

“Quem matou Diego?”: projeções escalares em paisagens semióticas onlineOffline

justamente colocado na primeira estela, como se estivesse anunciando para a Faculdade e, de fato, para toda a comunidade universitária, o que se passou com ele. Esse parece ser o exercício escalar a que o grafitti convida. Como a Faculdade está situada na avenida principal do campus, ao lado do prédio da Reitoria, e próxima a uma rotatória por meio da qual se tem acesso a uma das saídas do campus, o rosto está grafitado num lugar crucial em relação a sua visibilidade. Muitos alunos novos ou pessoas externas à faculdade e à universidade, que desconhecem a história, certamente, indagam de quem se trata.

Embora tenha preferido não colocar as fotos de Diego no artigo, o trabalho de resistência empenhado na elaboração do grafitti, em cada traço, me impede de fazer o mesmo. O grafitti reescala o assassinato a uma dimensão que me parece fundamental: o corpo de Diego não está lá, mas o grafitti de seu rosto faz com que o crime não seja esquecido. Tal redimensionamento é ainda confirmado pela inscrição “Govz²⁴ presente”. Essa fórmula linguística é usada, em manifestações políticas, para evocar a pessoa de líderes assassinados como não tendo desaparecido. Já “#Eu sou a noite”, conforme a informação de alunos que o conheciam, indexa a voz do próprio Diego, que usava essa hashtag. Ela também indexa discursos sobre fãs de quadrinhos, especificamente relativos ao super-herói Batman. Essa frase é usada por Batman quando encontra um dos criminosos que procura: “Eu sou a vingança. Eu sou a noite. Eu sou Batman”. Assim, o “# Eu sou a noite” estabelece uma comparação entre Batman e o que a presença de Diego no grafitti deve inspirar: a descoberta dos seus próprios assassinos.

A última imagem que vou incluir no artigo contém a foto de um grafitti, situado em três outras estelas de outras paredes externas da biblioteca. Esse grafitti contém a pergunta que toda a comunidade faz desde a morte de Diego.

24. GOVZ é o pseudônimo que Diego usava, inclusive para assinar poemas

Imagem 3

Arquivo de fotografias do autor

A localização deste grafitti é também precisa uma vez que, além de ele estar situado ao lado da porta da garagem usada pelos professores e funcionários da Faculdade, está de frente à Reitoria. A pergunta indexa discursos sobre a necessidade de que professores e dirigentes, assim como toda a universidade, se lembrem permanentemente da premência da investigação do crime. Opera uma escala que caracteriza a solução do crime como imprescindível. Todavia, a pergunta que nos indagava desde o assassinato em 2016, infelizmente, continua a nos interpelar cinco anos após o crime. A intertextualidade (Kristeva, 1980) dessa imagem e da anterior com os textos e imagens do assassinato de Marielle Franco – uma vereadora, negra, lésbica e ex-favelada – ocorrido em 2018, é explícita (ver Silva & Lee, 2021).

Esse é um outro crime bárbaro cometido no Rio de Janeiro, cuja investigação não chegou ao fim. Os assassinos foram encontrados, mas os mandantes e as razões do crime não foram descobertos. Os dois casos não podem ser entendidos por meio de uma projeção escalar que simplesmente naturaliza assassinatos em uma cidade violenta (como visto anteriormente em 3.2., no texto de uma professora da universidade). O exercício escalar demandado é de outra natureza: a eliminação de corpos específicos – negros, LGBT+ e de origem pobre – que inco-

“Quem matou Diego?”: projeções escalares em paisagens semióticas onlineOffline

modavam por seu discurso, desejo sexual, raça e origem. Embora a mídia brasileira, notadamente após a internacionalização do também horrendo crime de George Floyd nos Estados Unidos em 2020, tenha passado a noticiar a morte de membros das populações negras com mais assiduidade, a história do Brasil contemporâneo continua a nos lembrar da modernidade colonial e de sua persistência. Mais ainda, no caso brasileiro, como já afirmado, o “espírito da época” tem aberto espaço para tais assassinatos e a fabricação de seus esquecimentos (ver Fabrício & Borba, 2019). Tal espírito foi enfatizado a partir de 2019, como Silva & Lee (2021) indicam, quando da posse de Bolsonaro. O número de assassinatos de jovens negros nas favelas brasileiras aumentou exponencialmente a partir de então. Este artigo quer contribuir exatamente para construir uma projeção escalar de oposição perene, fundada na emoção da esperança. Nós não esqueceremos.

4. Mal absoluto e esperança como responsabilidade ética

Já em Moita-Lopes (2016 [2006]), emoldurava a pesquisa no campo da linguística aplicada como o ensaio da esperança e enfatizava a necessidade de que a investigação neste campo tivesse como foco de atenção a relação entre linguagem e sofrimento humano na tentativa de construir outros mundos possíveis. Minha preocupação era operar com uma visada sobre a pesquisa, de natureza teórico-analítica no campo de estudos da linguagem, que não se distanciasse da construção de um discurso sobre quem somos na vida social. Não imaginava que, diante das políticas cada vez mais progressistas que vivíamos então, enfrentaríamos as mudanças sociopolíticas que, como os dados analisados indicam, gestavam o início de um projeto socialmente fascista com o enfraquecimento da democracia, já em 2016, e políticas econômicas neoliberais infames.

Como agir diante do “mal absoluto” quando um aluno tem sua vida ceifada no campus de sua Universidade? Entendo que as seguintes perguntas de Butler (2010 [2009] e 2006 [2004]) definem o que dimensiono como “mal absoluto”. Por que algumas vidas valem mais do que outras no espaço público? Por que é aceitável que outros possam dispor delas como lhes apraz? Por que a fragilidade e a precariedade da vida humana não são consideradas como parte fundamental do

que significa estar vivo? E, por fim, “por que os governos tratam tão frequentemente de regular e controlar quem há de ser objeto de luto público e quem não?” (p. 64).

Nesse mundo brutal, temos que recriar e reimaginar a esperança de forma radical mais cotidiana e intensamente como uma projeção semiótica escalar sobre nossas práticas discursivas. Como nos lembra Latour (2005, p. 183), projetar uma “escala é o que as pessoas fazem ao se envolverem em um exercício escalar, ao espacializarem e contextualizarem uns aos outros”. Não é uma dimensão que preexiste às práticas. Isso implica portanto mobilizações escalares fundamentadas na coragem de recusar o desalento e a exasperação (Lear, 2006). Sonhar acordado com o não-ainda (Bloch, 1986) como constitutivo de nossas vidas.

É primordial entender que a luta política – e outras²⁵ – podem simplesmente apontar “para um futuro de ‘o que [fazer] se’ [algo ocorre]” (Mattingly, 2010, p. 3), isto é, um futuro essencialmente contingente. Isso requer que nos mantenhamos no embate e, principalmente, com a esperança de abrir possibilidades para outras narrativas. A esperança em tal concepção é então um afeto, semiotizado performativamente, sujeito às intempéries do discurso: imprevistos socio-históricos, alteridades, opressão política, momentos e espaços liminares etc. Mas a emoção da esperança envolve também um trabalho de aprendizagem (Bloch, 1986) em relação a como lidar com um cotidiano aniquilador. Ela é constitutiva de nossa responsabilidade ética quando um tal afeto é ameaçado e nos aproxima do desespero (Avramopoulou, 2017).

Conflito de interesses

Declaro não ter qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo.

25. Tenho em mente, por exemplo, condições liminares entre vida e morte em um hospital, como em Mattingly (2010).

Referências

- Austin, L. (1962). *How to do things with words*. Claredon Press.
- Avramopoulou, E. (2017). Hope as a performative affect: Feminist struggles against death and violence. *Subjectivity*, 10(3), 276-293.
- Bauman, R., & Briggs, C. (2009 [1990]). Poetics and *performance* as critical perspectives on language and social life. In N. Coupland, & A. Jaworski, A. (Eds.), *The new sociolinguistics reader* (pp. 607-614). Palgrave Macmillan.
- Bloch, E. (1986). *The principle of hope*. MIT Press.
- Blommaert, J. (2010). *The sociolinguistics of globalization*. Cambridge University Press.
- Blommaert, J. (2013). *Ethnography, superdiversity and linguistic landscapes: chronicles of complexity*. Multilingual Matters.
- Butler, J. (2010 [2009]). *Marcos de Guerra. Las vidas lloradas*. Tradução Bernardo M. Carrillo. Paidós.
- Butler, J. (2006 [2004]). *Vida Precária. El poder del duelo y la violencia*. Tradução Fermín Rodríguez. Paidós.
- Brecht, B. (1941). Collected Plays: Good Person of Szechwan, The Resistible Rise of Arturo Ui, and Mr Puntilla and His Man Matti, vol 6, trans. Willett J and Manheim R (*Methuen World Classics*). London: Methuen.
- Camargo, M. (2019). "Acuenda esse bajubá!": indexicalidades e interseccionalidades nas performances narrativas de uma travesti quilombola. Unpublished doctoral dissertation, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Carr, E. S., & Fisher, B. (2016). Interscaling awe, deescalating disaster. In E. S. Carr, & M. Lempert (Eds.), *Scale: discourse and dimensions of social life* (pp. 133-156). University of California Press.
- Carr, E. S., & Lempert, M. (Eds.). (2016). *Scale. Discourse and dimensions of social life*. University of California Press.
- Cavalcanti, M. (2016 [2006]). Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada: implicações éticas e políticas. In L. P. Moita-Lopes (Ed.), *Por uma linguística aplicada indisciplinar* (pp. 233-252). Parábola.
- Derrida, J. (1972 [1988]). *Signature event context. Limited inc.* (pp. 1-23). Northwestern University Press.
- Fabício, B. F. (2018). Policing the borderland in a digital lusophone territory: the pragmatics of entextualization. In L. P. Moita-Lopes (Ed.), *Global Portuguese. Linguistic ideologies in late modernity* (pp. 66-86). Routledge.

- Fabício, B. F. (2021). A scalar approach to the circulation of virulent affects on the web. *Social Semiotics*, 31(5), 695-709.
- Fabício, B. F., & Borba, R. (2019). Remembering in order to forget: scaled memories of slavery in the linguistic landscape of Rio de Janeiro. In R. Blackwood & John Macalister (Eds.), *Multilingual memories: memory, monuments and the linguistic landscape* (pp. 187-212). Bloomsbury.
- Fidelis, G. (2018). *QueerMuseu. Cartografias da diferença na arte brasileira*. Escola de Artes Visuais do Parque Laje.
- Gal, S., & Irvine, J. T. (2019). *Signs of difference. Language and ideology in social life*. Cambridge University Press.
- Gee, J. (1999). *An Introduction to discourse analysis: theory and method*. Routledge.
- Giorgi, G. (2019). Arqueologia do ódio: apontamentos sobre escrita e democracia. In A. Kiffer & G. Giorgi (Eds.), *Ódios políticos e a política do ódio. Lutas, gestos e escritas do presente* (pp. 80-129). Bazar do Tempo.
- Gonzalez, C., & Moita-Lopes, L. P. (2020). Peles habitáveis de Almodóvar em perspectiva: projeções (meta)escalares. *Linguagem em discurso*, 20, 51-71.
- Guimarães, T. F. (2014). Embates entre performances corpóreo-discursivas em trajetórias textuais: uma etnografia multisituada. Unpublished doctoral dissertation. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Holbraad, M., & Pedersen, M. A. (2017). *The ontological turn. An anthropological exposition*. Cambridge University Press.
- Irvine, J. (2021). Revisiting theory and method in language ideology research. Plenary talk, e-Sociolinguistic Symposium 23, *Book of abstracts*, p. 4.
- Jaworski, A., & Thurlow, C. (Eds.). (2010). *Semiotic landscapes: language, image, space*. Continuum.
- Kristeva, J. (1980). *Desire in langue: a semiotic approach to literature and art*. Columbia University Press.
- Landry, R., & Bourhis, R.Y. (1997). The linguistic landscape of Hong Kong after the change of sovereignty. *International Journal of Multilingualism*, 8(2), 135-150.
- Latour, B. (2005). *Reassembling the social. An introduction to actor-network-theory*. Oxford University Press.
- Lear, J. (2006). *Radical hope. Ethics in the face of cultural devastation*. Harvard University Press.
- Lugones, M. (2007). Heterosexualism and the colonial modern gender system. *Hypatia*, 22(1), 186-209.

"Quem matou Diego?": projeções escalares em paisagens semióticas onlineOffline

- Mattingly, C. (2010). *The paradox of hope: journeys through a clinical borderland*. University of California Press.
- Mbembe, A. (2014). *Crítica da razão negra*. Tradução Marta Lança. Antígona.
- Mishler, E. G. (2002). Narratividade e identidade: a mão dupla do tempo. In L. P. Moita-Lopes & L. C. Bastos (Eds.), *Identidades. Recortes multi e interdisciplinares* (pp. 97-122). Mercado de Letras.
- Moita-Lopes, L. P. (2012). Ideology in research methodology. In C. A. Chapelle. (Ed.), *The Encyclopedia of Applied Linguistics* (pp. 223-224). Wiley Blackwell.
- Moita-Lopes, L. P. (Ed.). (2016 [2006]). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. Parábola.
- Moita-Lopes, L. P. (2020). Desejo na biopolítica do agora: performatividades escalares em um aplicativo de encontros homoafetivos. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 36(3), 2-37.
- Moita-Lopes, L. P. (2021a). *Estudos queer em Linguística Aplicada Indisciplinar. Gênero, sexualidade, raça e classe social*. Parábola.
- Moita-Lopes, L. P. (2021b). Presidente ou Presidenta? Ideologia linguística e embates metapragmáticos. In W. R. Silva (Ed.), *Contribuições sociais da linguística aplicada: uma homenagem a Inês Signorini* (pp. 231-261). Pontes Editores.
- Moita-Lopes, L. P., & Fabrício, B. F. (2018). Viagem textual pelo sul global: ideologias linguísticas queer e metapragmáticas translocais. *Linguagem em (Dis)curso*, 18(3), 759-784.
- Moita-Lopes, L. P., & Fabrício, B. F. (2019). Por uma proximidade crítica nos estudos em Linguística Aplicada. *Calidoscópio*, 17, 711-723.
- Moita-Lopes, L. P., & Pinto, J. P. (2020). Colocando em perspectiva as práticas discursivas de resistência em nossas democracias contemporâneas: uma introdução. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, 59(3), 1590-1612.
- Nagle, A. (2017). *Kill all normies. The online culture wars from Tumblr and 4chan to the alt-right and Trump*. Zero books.
- Peirce, C. S. (1955). Logic as semiotic: the theory of signs. In J. Bucheler (Ed.), *Philosophical writings of Peirce* (pp. 98-119). Dover Publications.
- Pinto, J. P. (2018). From prefigured speaker identities to the disinvention of Portuguese. In L. P. Moita-Lopes (Ed.), *Global Portuguese. Linguistic ideologies in late modernity* (pp. 66- 86). Routledge.
- Preciado, P. B. (2003). Multitudes queer: Notes por une politiques des "anormaux". *Multitudes*, 12(2), 17-25. <http://www.cairn.info/revue-multitudes-2003-2-page-17.htm#pa1>.

- Santos, B. de S. (2016). A difícil reinvenção da democracia frente ao fascismo social. Entrevista com Roberto Machado. <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/563035-a-dificil-reinvencao-da-democracia-frente-ao-fascismo-social-entrevista-especial-com-boaventura-de-sousa-santos>. (Accessed August 8, 2018).
- Scollon, R., & Scollon, S. W. (2003). *Discourses in place. Language in the material world*. Routledge.
- Sedgwick, M. (Ed.). (2019). *Key thinkers of the radical right. Behind the new threat to liberal democracy*. Oxford University Press.
- Shohamy, E. (2006). *Language policy: hidden agendas and new approaches*. Routledge.
- Shohamy, E., & Waskman, S. (2009). Linguistic landscape as an ecological arena: modalities, meanings, negotiations, education. In E. Shohamy & D. Gorter (Eds.), *Linguistics landscape: expanding the scenery* (pp. 313-331). Routledge.
- Silverstein, M. (2009) Pragmatic indexing. In J. Mey. *Concise Encyclopedia of Pragmatics* (pp. 756-759). London: Elsevier.
- Silva, D. (2012). *Pragmática da violência: o Nordeste na mídia brasileira*. Rio de Janeiro: Faperj/7 Letras.
- Silva, D. N., & Lee, J. W. (2021). “Marielle, presente”: Metaleptic temporality and the enregisterment of hope in Rio de Janeiro. *Journal of Sociolinguistics*, 25(2), 179-197.
- Stanley, J. (2018). *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*. Tradução Bruno Alexander. L&PM.
- Wee, Lionel. 2015. Mobilizing affect in the linguistic Cyberlandscape: the R-word campaign. In R. Rudby & S. Ben Said (Eds.), *Conflict, exclusion and dissent in the linguistic landscape* (pp. 185-203) Pallgrave Macmillan.
- Wu, J. Z. Z., & Karlander, D. (2021). Engaging with urban studies: Language and the infrastructures of global urbanism 5. e-Sociolinguistics Symposium 23. *Book of Abstracts*, p. 19.

Recebido em: 17/08/2021

Aprovado em: 30/10/2021